

Cafeicultura e expansão territorial no Brasil

Francisco Carlos Orlandini
(Instituto de Economia/UNICAMP)

Uma das características da conformação histórica do mercado mundial em geral, e do café em particular, foi o surgimento de uma “especialização regional”, combinando a expansão do comércio e transformações produtivas, tanto no plano regional quanto internacional. Como é possível de se imaginar, em quaisquer destas situações estão sendo redefinidas as relações entre os indivíduos envolvidos.

Ao lado da pimenta, nos séculos XII e XIII, do álcool, no século XVI e, mais tarde, do chá, açúcar, cacau, e tabaco, o café faz parte de um conjunto de produtos que, como nos diz Fernand Braudel, conquanto não sejam alimentos básicos, são todos grandes personagens chamados a transformar, a perturbar a vida cotidiana dos homens”.

Ao lado da cana-de-açúcar, do ouro e de alguns outros produtos, o café cumpre o papel de colocar algumas regiões da antiga colônia portuguesa na dinâmica do sistema mundial, com a peculiaridade de acompanhar a emancipação política do país, sustentando a Monarquia recém instaurada - com a utilização do trabalho escravo até que se organizasse o abastecimento de força de trabalho com a introdução de trabalhadores livres – e, mais tarde, servindo de apoio à transição para o novo regime político.

Dentro da rede de caminhos estabelecidos sob o impulso econômico da exploração do ouro, alguns posseiros se juntam aos comerciantes que abasteciam os tropeiros, iniciando o povoamento que intensifica a incorporação de novas terras. De acordo com Stanley Stein, as primeiras fazendas de café, ao longo das trilhas dos tropeiros eram os únicos pontos de povoamento existentes na região. Assim, ao mesmo tempo em que se dedicavam à produção propriamente dita, os pioneiros deveriam também se desincumbir das necessidades de moradia e alimentação do grupo e da escravaria, daí a devastação da floresta, associada tanto à abertura de novas áreas de cultivo de café e de alimentos, como para o fornecimento de madeira às construções.

No Oeste Paulista, o açúcar teve papel semelhante ao do café no Vale do Paraíba, descrito por Stein. A partir do cultivo da cana-de-açúcar, a terra é incorporada ao cálculo econômico e se reorganiza a vida social nessa região. Tanto é assim que, para dar vazão à produção de açúcar, é pavimentada a primeira articulação do interior da província com o mercado mundial, com a criação da “Calçada de Lorena”, em 1789.

Aos poucos o ganho obtido com o açúcar se transfere para o café, um mercado em expansão, principalmente se comparado ao açúcar paulista, de menor qualidade que o do norte, o qual por sua vez, já encontra problemas no mercado internacional. Dessa forma se entende como que quatro anos depois da maior exportação de açúcar pelo porto de Santos, o café se torna, pela primeira vez, o principal produto exportado por ali: a literal maturação do investimento do lucro com o comércio de açúcar. Essa passagem da produção local para a exportação do café foi favorecida pela topografia do Oeste Paulista, seu relevo mais achatado ajudou no plantio em regiões mais altas, protegendo o café do ar frio das baixadas, poupando o trabalho exigido pela plantação nas chamadas meias-laranjas do Vale do Paraíba.

Na sofisticação do processo produtivo, mais precisamente, no beneficiamento do café, reside o primeiro passo da transformação que se opera no chamado Oeste Paulista; é nesse momento que os desdobramentos da 1ª Revolução Industrial alcançam o interior paulista, criando uma peculiar combinação entre mecanização e escravidão, onde o beneficiamento de café contribui para a economia de força de trabalho. A diversificação econômica, que leva ao crescimento da cidade de Campinas, irá caracterizar o aspecto urbano da produção cafeeira no Oeste Paulista, diferenciando-a da organização econômica encontrada no Vale do Paraíba. Assim sendo, pode-se dizer que o café supera os obstáculos que inibiram sua continuidade nesta região – a saber, a exaustão do solo e a elevação do custo da mão-de-obra – através de uma combinação particular entre a mecanização – pelos processos de beneficiamento - e a utilização da mão-de-obra escrava na lavoura, que caracteriza essa nova expansão da agricultura de exportação pelo território paulista.

No século XVII, o cálculo da carga a ser transportada levava em conta o peso que um homem conseguia levar às costas. Mais tarde as tropas de mulas impuseram a revisão destes números, no entanto, os caminhos utilizados, tanto num caso como no outro, continuaram os mesmos, daí que a velocidade com que as distâncias eram vencidas não se alterava em muito; o calor recomendava que as jornadas fossem cumpridas entre duas da manhã e meio dia, no mais tardar e o cálculo do frete levava em conta os trechos mais acidentados onde eram comuns os acidentes com animais, assim como a perda da carga.

Depois da maquinaria tomar parte na produção de café, é a vez da ferrovia, um dos maiores ícones da sociedade moderna, oferecer um novo fôlego à ordem escravocrata, contribuindo para que a produção paulista se mantivesse no mercado internacional. Daí que, da mesma forma que a ocupação do solo pela agricultura mercantil de exportação teve esse caráter localizado, dificultando a organização de um mercado interno para além das formações regionais delimitadas, também o uso da tecnologia aconteceu condicionado pela dinâmica do mercado mundial.

Incorporando transformações que permitem manter a base da organização produtiva, o café se constitui ao longo do século XIX como o principal produto brasileiro no mercado internacional. Nessa trajetória, sua produção inicialmente esparsa, se concentra em grandes propriedades, dinamizando a economia regional a ponto de levar a ferrovia ao interior do território paulista, pouco depois do seu surgimento na Europa. Quantidades crescentes de café foram colhidas ao longo do século XIX, a partir da expansão da área plantada nessa região.

O consumo de café aumenta, as regiões produtoras passam por transformações importantes, mas a maneira o produto era colocado no mercado mundial, no entanto, continua relativamente intocada ao longo desse período. Tal como antes de 1822 quando o comerciante europeu ocupava um lugar estratégico no abastecimento da colônia, no caso das fazendas de café, o comércio mediava o contato com o “mundo exterior” às fazendas.

Da mesma forma que o avanço da cafeicultura pelo interior paulista transformou antigos pousos de tropeiros em centros urbanos de grande destaque, o comércio deste café pelo porto de Santos reorganizou um antigo espaçamento constituído ainda no período colonial. A partir da terceira década do século XIX o café ocupa o lugar do açúcar no predomínio do comércio feito por este porto. E o crescimento das exportações leva à aglutinação das atividades diretamente envolvidas neste processo na região próxima à zona portuária da cidade.

A ferrovia, a estrutura de crédito e a forma de colocação do café no mercado, aspectos inerentes à Era Moderna, prestam-se à manutenção da base escravista que marca o tecido social como um todo, e atribuem um caráter peculiar a esta estrutura produtiva.